

Dívida leva crise até ano 2000

Externa

Para Maílson, a crise tem raízes profundas e pode durar até 20 anos

O ministro da Fazenda, Maílson da Nóbrega afirmou ontem no Rio que a crise decorrente da dívida externa brasileira tem raízes profundas, pode durar de dez a 20 anos e não pode ser resolvida com medidas heróicas como tentou o Brasil recentemente. A seu ver, as soluções passam a ser buscadas pelo próprio mercado financeiro internacional, razão por que o Brasil não pode relegar sua parceria com a comunidade financeira e deve zelar por sua credibilidade.

No seminário sobre Conversão da Dívida em Exportação, Maílson disse que já existem pedidos em carteira no Banco Central para conversão de US\$ 9 bilhões, por diver-

sas formas. Entende que esses programas de conversão não podem ser considerados como uma panacéia, mas que não deixam de se constituir em canal adicional para se conseguir investimentos para o setor privado.

Historiou a crise do endividamento dos países do Terceiro Mundo com a "aberração" do mercado em que os bancos deixaram de financiar os fluxos comerciais para financiar programas de desenvolvimento dos países pobres, deixando-os com suas economias extremamente vulneráveis. Os sucessivos choques dos juros agregaram encargos sobre essa dívida, criando um

volume de compromissos acima das possibilidades de pagamento da maioria dos países do Terceiro Mundo. Observou que há seis anos o Brasil procura e ainda não encontrou uma fórmula que possibilite sua volta ao mercado voluntário de capitais.

Em sua opinião, de nada adiantam as propostas irrealistas, permeadas de retórica nacionalista inconsequente, como a moratória ou a securitização ("trocar dívida ruim por outra também ruim"). Todas essas propostas afetaram a credibilidade externa do Brasil com sérias consequências para nossa economia. Segundo Maílson, há um consenso que determinados países pobres como a

Bolívia e países africanos não poderão tão cedo voltar ao mercado voluntário e que suas dívidas têm que ser negociadas com deságio substancial, às vezes beirando os 90%.

Maílson entende que outros países, como o Brasil, podem e devem voltar ao mercado voluntário, na visão da comunidade financeira. A questão apenas é preparar o caminho. Afirmou que o mercado secundário de títulos da dívida cresce a cada ano, passando de US\$ 10 bilhões para US\$ 30 bilhões em 1988, com tendência a crescer mais a medida em que aumentam as provisões dos bancos credores.

(Rio — Agência Estado)